

Os Mitos de Cthulu em terras tupiniquins; conheça A Floresta das Árvores Retorcidas

Alexandre Callari, escritor e sócio da Editora Pipoca & Nanquim, homenageia H. P. Lovecraft num livro de horror em uma cidade do interior de São Paulo.



Créditos: Pipoca & Naquim

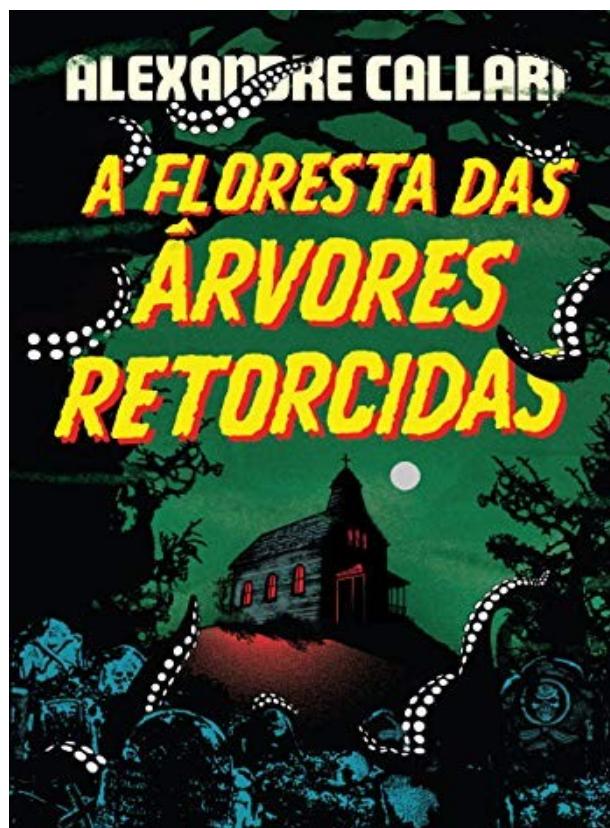
Por Ricardo Vitorino

A [Editora Pipoca & Naquim](#) é uma das maiores editoras de quadrinhos do país, lançando títulos europeus, brasileiros, asiáticos e até alguns livros. Os sócios Alexandre Callari, Bruno Zago e Daniel Lopes eram editores de quadrinhos na [Mythos Editora](#), empresa terceirizada da [Panini Comics](#), onde editavam os quadrinhos do Batman, mangás como Dragon Ball e o título do Superman respectivamente. Mesmo com o trabalho dos sonhos editando os gibis dos personagens que eles amam, decidiram entrar no mercado editorial, com a vontade de

publicar quadrinhos que nunca foram lançados no Brasil ou sem re-publicação recente.

O Pipoca começou como um programa na TV da Universidade de Araras, depois migrando para o Videolog e, enfim, o [canal no YouTube](#) com vídeos sobre quadrinhos, cinema e cultura pop em geral, ativo até hoje, com três vídeos fixos por semana, mais extras. O primeiro lançamento da editora foi o título ["Espadas e Bruxas"](#), do mito espanhol Esteban Maroto, o sucesso foi estrondoso, muito maior do que os editores esperavam. Com a ideia inicial de lançar um quadrinho por trimestre, em 2021 a editora publicou em torno de três títulos por mês.

E comemorando 10 anos de existência (contando desde a época da TV Uniara) e 2 anos de editora, decidiram lançar o selo Original Pipoca & Nanquim, inaugurando com o tema de hoje, o livro de Alexandre Callari: A Floresta das Árvores Retorcidas.



Créditos: Pipoca & Nanquim

A obra é, principalmente, uma homenagem a H. P. Lovecraft, um dos maiores mestres do terror que já pisaram na Terra. Usando de referências desde um diálogo solto que não faz tanta diferença para a trama desde a aparição do livro Necronomicon, livro fictício de magia negra inventado por Lovecraft, escrito pelo árabe louco Abdul Alhazred. O estudo de Callari sobre a obra de Lovecraft foi até cansativa, segundo ele mesmo, porém o resultado não foi menos do que formidável, [aqui](#) você encontra maior parte das referências, comentadas pelo autor e Daniel Lopes. Dado o adendo, vamos ao ponto:

Quando um advogado que, além da formação em direito, fez especialização em tomar decisões erradas na vida, decide se isolar apenas para esquecer seu passado. Quando ele se muda para uma cidade do interior paulista – que poderia ser minha saudosa Elias Fausto, mas a cidade do livro parece ser um pouco maior, cerca de 20 mil habitantes – num prédio que tem suas semelhanças com a arquitetura gótica, coisas bem estranhas começam a acontecer, como – não é spoiler, é só o primeiro capítulo – a aparição de um súcubo em seu apartamento. Succubus (escrita original do latim) é um demônio com aparência feminina que invade o sonho dos homens para ter relações sexuais e roubar sua energia vital.



“Agora sei o que é um fantasma. Negócios inacabados, isso que é.”

Salman Rushdie, *Versos Sarânicos*.

Representação da súcubo, arte do livro, por Doug Firmino.

Créditos: Pipoca & Nanquim

O nome da cidade é um mistério, porém mais misterioso que o nome, é o porquê os próprios moradores a chamam de Arkham. Arkham é uma cidade fictícia também criada por Lovecraft, localizada no estado de Massachusetts, mas convenhamos que é muito mais legal uma cidadezinha brasileira, fronteira de São Paulo com Minas Gerais do que se passar num lugar estadunidense tão impronunciável quanto Cthulhu; é esse o espírito que o livro quer passar. Por vários momentos (força do hábito), eu tentava traduzir algumas falas para o inglês e ficava horrível; tenho certeza de que se traduzissem o livro da melhor forma e alguém que não cresceu no Brasil ler a obra, vai absorvê-la de uma forma bem superficial.

O conceito do livro tem esse gosto muito especial, momentos em que os personagens estão num botequim, tomando cerveja de garrafa e petiscando um salame com limão; eu acho que ele só esqueceu de descrever o cachorro caramelado na porta do bar, pois ele está lá! Referências de Renato Russo e Legião Urbana, ditados populares...

O códice também é um belo projeto gráfico: capa dura, 420 páginas e papel pólen soft 80g, que é ótimo para livros, não é tão frágil quanto um papel *pisa bright*, o famoso “papel jornal”, mas não é um offset, por exemplo, que é um material mais resistente, fazendo mais sentido para a impressão de imagens coloridas, não combina tanto com o formato de livro em prosa; escolha cirúrgica, uma fração do cuidado e carinho que a Editora Pipoca & Nanquim faz questão de ter com todos os seus lançamentos.

O corte tri-lateral vermelho e o fitilho marcador verde dão um toque singular, uma combinação de cores que definem e muito bem o tom história, mesmo antes de ler. E quando o livro começa, apesar de ser preto e branco, as gotas de sangue nas páginas causam um certo incômodo e ansiedade, um sentimento

de que algo importante está para acontecer. Fora as artes espetaculares do Doug Firmino, todo começo e fim de capítulo.



Arte de rodapé no fim do 6º capítulo, por Doug Firmino.

Créditos: Pipoca & Nanquim

As quebradas de gelo do romance são sensacionais; minha parte favorita, com certeza, é quando o personagem principal, Adam, vai ao encontro do zelador do prédio, Marcos, e sente um cheiro de uma certa erva medicinal exalando do apartamento. Com esse assunto em mente, convidei o próprio Alexandre Callari para nos falar um pouco de onde veio esta ideia que surpreendeu até a mim! Callari diz: *“Eu queria uma galeria de personagens estranhos para habitar o prédio. É algo que encontramos em diversos filmes, uma ideia que beira o clichê: a do forasteiro traumatizado que chega a um lugar estranho, repleto de tipos malucos. Lá, por mais estranho que seja, ele acaba se sentindo em casa.”*

Eu levantei vários pontos onde me surpreendi muito lendo o livro, uma das minhas partes favoritas do meu dia era quando eu tirava um tempo para ler a obra, era um sentimento de quero ver logo o que acontece no final, mas ao mesmo tempo não queria acabasse. Ainda um pouco refém da saudade desse livro, pedi para Callari explicar o porquê as pessoas devem ler seu livro:

“Há um equilíbrio de cenas fortes e ultrajantes, como o capítulo inicial e a sequência do resgate das crianças, mas há também diálogos divertidos e sequências paralelas e desdobramentos que não necessariamente agregam à trama, mas que emulam a vida real, pois é assim que vivemos: nem tudo é uma única narrativa, mas as coisas que fazemos ao logo dos dias, semanas, meses etc., acabam consolidando o todo. E os eventos não se relacionam necessariamente. Há muito terror e gore, mas também ideias filosóficas. E, claro, há um mergulho profundo no universo incrível de H.P. Lovecraft.”

Alexandre Callari teve alguns lançamentos antes de A Floresta das Árvores Retorcidas: Evolução É Uma Opção (2009), a trilogia Apocalipse Zumbi (2011-2017), três edições de Quadrinhos no Cinema (com Bruno Zago e Daniel Lopes) (2011-2014), entre vários outros projetos que participou. Sua primeira *graphic novel*, Arena, com desenhos de Alan Patrick está programado para dezembro de 2021, com pré-venda iniciando no começo de novembro. O escritor fala um pouco sobre o que podemos esperar da obra: “Acho que é meu melhor trabalho até hoje. A arte está espetacular, o roteiro é coeso, emocionante e engrandecedor. Creio que o público vai se surpreender com a qualidade do trabalho.”